

Mario Quintana Tradutor

(em homenagem ao poeta, no ano do centenário de seu nascimento)

Gabriel Perissé

Mestre em Literatura Brasileira (USP) e Doutor em Educação (USP)
Professor do Programa de Mestrado em Educação da Uninove (SP).
www.perisse.com.br

Durante muitos anos, Mario Quintana recorreu à tradução como atividade profissional paralela, uma vez que poeta sempre foi a sua verdadeira e única profissão.

Em 1932, aos 26 anos de idade, depois de perder o emprego no jornal *O Estado do Rio Grande*, em Porto Alegre, por conta da intervenção do General Flores da Cunha — inicialmente seguidor de Getúlio Vargas —, buscou alternativas e conseguiu publicar seu primeiro trabalho pela Editora Globo, em 1934: o livro de contos *Palavras e sangue*, de Giovanni Papini, no tempo em que o escritor italiano era conhecido e apreciado.

Seguiram-se, até 1955, mais de trinta obras traduzidas de autores como Proust, Balzac, Voltaire, Graham Greene e Charles Morgan (sempre pela Globo). Esse número certamente está bem abaixo da quantidade de textos vertidos para o nosso idioma pelo poeta gaúcho, conforme nos conta a pesquisadora Beatriz Viégas-Faria em artigo dos *Cadernos Ponto & Vírgula* (1997). De fato, Quintana traduziu muitos contos policiais e histórias românticas ao longo de duas décadas, sem que seu nome constasse das publicações, prática comum na vida editorial daquela época.

Seria uma boa pesquisa literária estabelecer as relações (tênuas ou implícitas que sejam) entre a produção literária de Quintana e as traduções que realizava para sobreviver. É possível detectar na poesia de Quintana reflexos, referências, sinais de seu trabalho como tradutor? E, em sentido oposto, há, nos livros que traduzia, ainda que fossem em prosa, algo do seu estilo poético? A título de contribuição para esta pesquisa, garimpei alguns exemplos.

O primeiro é um pequeno poema seu:

Telegrama a Lin Yutang

Acabo de ver um negrinho comendo um ovo cozido.

Hein, Lin Yutang?

Arrisco uma possível explicação para os dois versos enigmáticos. Quintana traduziu *A importância de viver*, do pensador e filólogo Lin Yutang (1896-1976), que o escreveu em inglês com uma originalidade e vivacidade que lhe valeram fama internacional. O livro é de 1937; a tradução brasileira, de 1941. Já o poemeto acima é

de *Sapato florido*, publicado em 1948, e alude, creio eu, a uma passagem da obra do escritor chinês. Com efeito, este escrevera naquele livro, ao falar sobre a busca da felicidade humana: “Alguém disse: ‘Melhor um ovo hoje que uma galinha amanhã’.” Quintana provoca (e de certo modo apóia) Lin Yutang, referindo-se ao negrinho brasileiro, sem filosofia oriental, mas entregue à felicidade do momento presente, destituído de qualquer preocupação metafísica com a galinha do futuro...

O segundo exemplo extraído de um poema em prosa de *Caderno H* (1973):

O Mundo de Deus

Aquele astronauta americano que anunciou ter encontrado Deus na lua é no fim de contas menos simplório do que os primeiros astronautas russos, os quais declararam, ao voltar, não terem visto Deus no céu.

Porque, se Deus é paz e paz é silêncio, afinal, deve Ele estar mesmo muito mais na lua do que nas metrópoles terrenas.

E, pelo que me toca, a verdade é que nunca pude esquecer estas palavras de um personagem de Balzac: “O deserto é Deus sem os homens”.

A frase encontra-se na última linha do conto *Une passion dans le désert*, incluído na *Comédia Humana. Uma paixão no deserto* é a história insólita do encontro (amoroso?) entre um soldado do exército napoleônico e uma panterna em pleno deserto egípcio. A tradução de Quintana foi publicada em 1954, sob a orientação de Paulo Rónai. A frase que define o deserto é do próprio soldado. E que o poeta nunca a tenha podido esquecer faz pensar como a tradução foi realizada com intensidade e interesse. Mais do que simplesmente verter um texto para outro idioma, o autêntico escritor, ao traduzir, sente-se co-autor da obra traduzida.

Também em *Caderno H* o poeta menciona Shakespeare várias vezes. Sem dúvida, o dramaturgo fazia parte de suas leituras, e seria natural que surgisse nos versos de Quintana. Mas não só como leitor Quintana o conhecia. Em 1943, publicou-se a tradução que realizou de *Contos de Shakespeare*, adaptação em prosa de vinte peças, realizada por Charles & Mary Lamb.

O poeta refere-se aos monólogos de Hamlet:

O Anti-Hamlet

O que nos atrai no 007 é que ele é o tipo do herói anti-shakespeariano. Nada de casos de consciência. Não é como esse pobre príncipe Hamlet, que, para cometer meia dúzia de crimes, passa todo o tempo falando sozinho...

Refere-se às teorias em torno do gênio:

Shakespeare

Os que se empenham em provar que as obras de Shakespeare só podem ter sido escritas por outro, este, por sua vez, só podem ser uns invejosos póstumos. O caso desses críticos não é um caso apenas divertido, como se vê. É grave, e triste, e patológico... São os parentes ambiciosos desses que vivem catando “influências” na obra de seus contemporâneos.

Refere-se ao quarto centenário de nascimento de Shakespeare (comemorado em 23 de abril de 1964):

Com Efeito

Com efeito, alguns estranham não haver eu escrito nada sobre o quarto centenário de Shakespeare, festivamente ocorrido em todo o mundo a 23 de abril. Por que haveria eu de escrever? Não sou comemorativo [...].

Refere-se, enfim, embora com uma pequena imprecisão, à famosa pergunta que Julieta fez a Romeu:

Do Nome

— *What is a name?* — já indagava o Poeta.

Um nome serve, em última instância, para uma lápide [...].

A imprecisão: o verso em inglês é, na verdade, *What's in a name?* Contudo, a frase impressionou tanto o poeta, que ele voltou a lembrá-la, empregando-a como título num de seus poemas de um só verso:

What is a Name?

Todas as amadas chamam-se Maria...

E mais uma vez (continuamos no *Caderno H*), Hamlet volta à cena:

Hamletiana

Ser ou estar... eis a questão!

Mais tarde, no livro *Da preguiça como método de trabalho* (1987), Quintana menciona abertamente o livro que traduzira quarenta anos antes, apontando uma falha na adaptação do texto em inglês, feita em nome da síntese e da divulgação:

Notas de um Leitor

IV

[...] No século passado, em seus contos tirados de Shakespeare, Charles Lamb não se deu conta de Lady Macbeth procurando lavar de suas mãos sonâmbulas um sangue inexistente — coisa que hoje, depois de Freud, não deixaria de impressionar os mais bisonhos leitores.

Certamente ainda existem muitos outros cruzamentos a serem descobertos entre os versos de Quintana e as linhas dos livros que traduzia, ainda que fossem linhas de um autor de estilo tão oposto ao do poeta, como no caso de Proust (Quintana traduziu seis livros deste autor, entre os quais *No caminho de Swann* e *À sombra das raparigas em flor*, na década de 50):

Os Leitores de Proust

Marcel Proust não tem entrelinhas, explica tudo, sufoca o leitor, não o deixa respirar, não o deixa pensar.

No entanto, não escrevia para o grande público... Pois só o grande público é que gosta que um autor pense por ele.

Pergunta-se: os proustianos serão mesmo uma elite de leitores?

Não sei responder, mas Quintana, mestre das entrelinhas, explica pouco, deixa-nos respirar. E os mario-quintanianos, imensa minoria, gostam de pensar sempre... ao lado do poeta.